

O CORPO INSCRITO NA HISTÓRIA: IMAGENS DE UM “ARQUIVO VIVO”*

*Georges Vigarello***

Apresentação, entrevista e tradução: Denise Bernuzzi de Sant’Anna***

Morada da alma, lugar dos pecados e do erro ou, ainda, relíquia que demanda conservação, tratamentos diferentes e valorização infinita, o corpo humano não cessa de ser redefinido ao longo dos séculos, de acordo com as expectativas e os limites de cada cultura. Todavia, nem todas as culturas consideraram o corpo de um indivíduo a sua principal marca identitária. E nem sempre, em uma mesma cultura, esta marca recebeu significados similares ou a mesma importância entre homens, mulheres e crianças.

O historiador Georges Vigarello, professor da Universidade de Paris V e diretor de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales, é um especialista da história das imagens e práticas corporais. Publicou vários livros sobre saúde, higiene, sexualidade, educação escolar e esportes. Nesta entrevista, ele narra alguns aspectos de seus estudos sobre o corpo, considerando este “arquivo” vivo uma memória social, constantemente redescoberto mas nunca totalmente revelado. Pois se o corpo é e suscita imagens, estas possuem espessura, tanto histórica quanto geográfica.

É justamente porque Vigarello não se limita a fazer uma história das representações corporais descolada das práticas, ou uma história dos corpos individuais isolando-os do

* Entrevista realizada em Paris, em 10 de fevereiro de 2000.

** Professor da Universidade de Paris-V e diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales.

*** Professora do Departamento de História da PUC-SP.

coletivo, que o seu primeiro livro sobre o “adestramento” dos corpos foi considerado por Michel Foucault um trabalho histórico exemplar.¹ Trabalho que não é apenas o de descrever um tema, mas, sobretudo, o de investigar a invenção de um problema, detectando o peso de seus diferentes usos.

Além disso, ao historicizar as concepções e as imagens do corpo ao longo dos séculos, Vigarello historiciza também a emergência de intolerâncias inéditas diante do que cada cultura concebe como sendo higiene, deformação física, ausência de civilidade. Mais do que saber o que é o corpo ou a saúde em cada cultura, interessa-lhe perceber as distâncias entre o sujo e o limpo, o saudável e o doente, o forte e o fraco, detectando as astúcias e lutas necessárias para a construção de tais dualismos. Trata-se, por exemplo, de compreender por quais razões e com quais meios certas culturas separaram a saúde da doença, transformando-as em dois “continentes” isolados por um imenso oceano. Os livros de Vigarello suscitam imagens desse tipo. Do mesmo modo que aqueles de Alain Corbin, os trabalhos de Vigarello aguçam o imaginário de sensibilidade geográfica, sobretudo porque a metodologia empregada exige que se vasculhe camadas de fontes e de problemas sedimentados pelo esquecimento.

A historiadores, assim, interessa investigar como foi possível fomentar e naturalizar certas distâncias entre os corpos julgados em cada situação fortes e fracos, humanos e monstruosos. Os livros de Vigarello têm, entre outros, este mérito: amareladas ou apagadas pelo tempo, as tensões e negociações necessárias para manter as distâncias entre os corpos ganham uma segunda chance de viver. Melhor dizendo, a força de ruidosas intolerâncias, o gosto por antigas preferências, os usos de objetos técnicos e artimanhas outrora essenciais para a sobrevivência dos corpos, hoje apagados pelo tempo ou excluídos da história, encontram por meio deste historiador um novo campo de existência. Nesse caso, logo se percebe que a pesquisa histórica não tem uma trilha já pavimentada por mais que o tema de estudo seja conhecido. Vigarello enfatiza a importância do presente em suas análises sobre o passado, assim como a necessidade de um rigoroso questionamento sobre os procedimentos necessários a cada cultura para tornar natural aquilo que é histórico, incluindo os modos de conceber e tratar os corpos. Por isso, ele fabrica trilhas e sugere possibilidades para outros fazerem o mesmo.

1 Trata-se do livro *Le corps redressé. Histoire d'un pouvoir pédagogique*. Paris, Delarge, 1978. Ver Michel Foucault “La poussière et le nuage”. In: Michelle Perrot (org.). *L'impossible prison. Recherches sur le système pénitentiaire au XIXe siècle*. Paris, Seuil, 1980, p. 39.

Em um trabalho dessa natureza não se observa somente quem são os sujeitos das ações praticadas e representadas; pergunta-se, principalmente, como foi possível criá-los, fortalecê-los ou fragilizá-los em cada situação; como foi possível, enfim, transformá-los em sujeitos de seus corpos, o que, por vezes, pressupõe associar com grande intimidade tal capacidade àquela de governar uma nação. Por conseguinte, Vigarello demonstra a historicidade do corpo e, especialmente, daquilo que escapa à linguagem, seja ela escrita ou oral.

Pelo menos desde Norbert Elias sabe-se o quanto a modernidade emergiu de um lento e complexo trabalho de polimento das violências, incluindo o constrangimento e a interiorização de certas regras sociais. Desde Marcel Mauss sabe-se, também, o quanto as “técnicas corporais” são constituídas culturalmente. Os trabalhos de Vigarello aprofundam tais perspectivas e revelam aquilo que François Dagognet havia nomeado de “caminhada no escuro”: cada zona conhecida e supostamente controlada no corpo é acompanhada por uma nova região de sombra e de risco. Desanimador? Para os historiadores esta interminável caminhada costuma ser extremamente promissora, na medida em que somente nela é possível perceber o quanto o corpo, na finitude de sua existência, expressa o infinito processo vital; pois o corpo de cada ser humano talvez seja o traço mais comum e ao mesmo tempo mais singular da memória da vida.

A história sempre teve um peso significativo em suas análises sobre o corpo. O senhor realizou trabalhos sobre as práticas e representações da higiene, da saúde, do bem-estar e da violência, investigou as imagens do corpo e da técnica no esporte e na educação física, revelando constantemente a emergência de liberdades corporais inéditas, assim como a invenção de novos riscos, regras e coações. Quais seriam os interesses de realizar análises sobre o corpo e suas imagens segundo uma perspectiva histórica?

G. V. – São várias as razões que explicam meu interesse pela história. Entre elas, saliento a necessidade de mostrar a distância entre sensibilidades de outras épocas e aquelas que experimentamos em nossos dias. Trata-se, em particular, de mostrar as distâncias entre nossas representações sobre o corpo e aquelas de indivíduos do passado. Esta experiência me parece bastante surpreendente. Ela pode ser comparada àquela do etnólogo ao ser confrontado com o outro. Penso que o historiador também vive esta confrontação, o que contribui para melhor compreender a si mesmo e a sociedade atual. Em suma, a história me permite interrogar de modo agudo tudo aquilo que faz a originalidade de nosso tempo.

Portanto a relação de seus trabalhos com o presente é forte e essencial.

G. V. – Minha relação com o presente é de fato forte e é por isso que a maneira pela qual eu interrogo a história (e creio que muitos historiadores fazem o mesmo) tem como ponto de partida as questões que eu me coloco face ao tempo de hoje. Contudo, não é apenas o sentimento de *estrangeiro* que me parece interessante. Sem dúvida, este sentimento provoca acontecimentos intelectuais bem interessantes, mas ele é importante também porque me faz refletir sobre como eu vivo atualmente e resolvo os problemas que me cercam. Além disso, a história me interessa porque não me parece que ela seja um simples processo contínuo, no qual o ser humano passa de um momento a outro. Entre os diferentes momentos ocorrem fenômenos de ruptura capazes de aumentar a distância que eu acabei de mencionar. Além disso, esta distância, uma vez trabalhada a partir de um certo número de períodos, é feita também de várias distâncias e de diversos deslocamentos sucessivos. Ou seja, para mim a história implica buscar a distância atravessando inúmeras distâncias. Aliás, o exemplo mais eloqüente quando se fala em distância e em ruptura é aquele da ciência. Pois é na ciência que a passagem de um conhecimento a um outro implica novas reconstruções e redistribuições de balizas.

*Buscar distâncias, o que exige, como o senhor escreveu no livro *Le sain et le malsain*,² aceitar o desafio de trabalhar com “rupturas no seio mesmo das permanências”; ou como sugere no livro *História do estupro e em vários artigos seus sobre o esporte*,³ o historiador se aproxima do passado para a partir dele apreender as especificidades do nosso tempo. Percebe-se aqui o uso de noções paradoxais, aliás muito freqüentes em seus trabalhos. Como o senhor explica esta presença forte do paradoxo em suas pesquisas?*

G. V. – Você tem razão, aliás, o que me interessa na história do corpo não é o que se fez bastante durante os anos 60, ou seja, descobrir que até então o corpo não existia e doravante ele passaria a existir. Ao contrário, o que me interessa é perceber *como o corpo existiu até então*, pois ele existia de outras maneiras, diferentes daquelas reconhecidas nos anos 60. Na verdade, o corpo era algo muito presente nas culturas antigas. Por exemplo, quando leio as cartas de Madame de Sevigné parece-me impossível não

2 *Le sain et le malsain. Santé et mieux-être depuis le Moyen Age*. Paris, Seuil, 1993.

3 *Histoire du viol. XVIe-XXe siècle*. Paris, Seuil, 1998 (traduzido no Brasil pela ed. Zahar).

se dar conta do corpo; mesmo demonstrando que sua abordagem era muito diferente daquelas que existem em nossa época, o corpo ocupava um lugar importante em sua escrita. Ora, o fato dela perceber o corpo de uma maneira diferente da nossa traz um sentimento de estranhamento, fundamental para questionar os sentimentos em relação ao corpo comuns em nossos dias.

Sentimentos que não nos deixam esquecer o quanto é difícil e embaraçoso responder à questão “o que é o corpo?”.

G. V. – Sim, pois, na verdade, o corpo não é algo unificado; de onde vem a dificuldade de responder à questão “o que é o corpo?”. O corpo é um objeto múltiplo, que pode representar dimensões bastante diferentes da vida, tais como a sensibilidade, a expressão ou uma verdadeira mecânica ligada ao trabalho. Ele evoca numerosas imagens, sugere múltiplas possibilidades de conhecimento. Além disso, o corpo é sempre algo inabarcável. Todavia, desde que se saiba que ele não é um objeto homogêneo, é importante estudá-lo pois, em muitos casos, é por meio dele que nós revelamos como o mundo é construído.

Há vários exemplos a este respeito em épocas passadas. Inúmeras imagens de soberanos de outras épocas que, por meio de seus corpos, revelavam ou escondiam os limites de uma cultura...

G. V. – Há vários exemplos, tais como aquele dos sinais expressos pela aparência do rei e de seus gestos. Em geral, a maneira pela qual o rei encarnava seu personagem revelava, até certo ponto, como funcionava a sua autoridade e o poder de seu Estado, ou, ainda, o sistema de autoridade e de dependência de uma época. Nos sinais corporais e naqueles das vestimentas podia-se ler anseios e sistemas de poder sociais. Mesmo quando, hoje, contemplamos o retrato de um rei, a maneira pela qual ele nos olha não deixa de ser reveladora sobre um certo tipo de autoridade. Um outro exemplo está na maneira fecunda encontrada por historiadores da Idade Média de colocar em evidência os gestos, as relações de dependência e os rituais nos quais aparece um interesse particular diante dos comportamentos dos corpos de sujeitos comuns. Em certas situações, especialmente quando a relação com a escrita e com o livro não é geral, o corpo pode revelar uma profundidade social por vezes inimaginável.

Como se ele fosse uma espécie de arquivo vivo de toda uma sociedade ou de várias culturas.

G. V. – Sem dúvida, o corpo é um arquivo. Mas quando se diz que o corpo revela, não se pode esquecer que ele também esconde! Novamente um paradoxo. O corpo revela e esconde, ele exprime e age e, quando ele exprime, não significa, forçosamente, que ele age. Por isso, existem, de fato, várias perspectivas para estudar as práticas e representações do corpo: há, por exemplo, a análise técnica dos gestos, que não é a mesma coisa que a análise expressiva dos gestos; o que permite dizer que não há apenas uma única ciência do corpo e que aqueles que o estudam se situam sempre em diversos terrenos. Mas de qualquer modo é preciso ser extremamente prudente e cuidadoso diante de suas especificidades.

Mas o corpo revela e esconde ao mesmo tempo em que ele não cessa de ser descoberto (pela medicina, pelo esporte, pela moda...), embora, paradoxalmente, ele nunca seja totalmente revelado. Por conseguinte, o senhor acredita que seria impossível admitir que estaríamos vivendo uma época de desvelamento total do corpo pela imagem assim como a sua virtualização absoluta?

G. V. – Creio que quando se pensa nas técnicas de virtualização e na proliferação de imagens do corpo a reflexão histórica ganha uma importância considerável. Pois ela nos mostra o quanto o peso do corpo já foi, e ainda hoje é, extremamente presente, contrariando a suposição de que ele estaria em vias de desaparecer. No plano imediato eu não vejo como a evidência do corpo possa acabar. Especialmente quando se pensa na evidência da dor, da doença e de muitos outros contatos ao mesmo tempo suaves e brutais do corpo com o mundo. No entanto, há também um outro aspecto relacionado à presença do corpo que me parece essencial. Sem cair na esquematização do processo histórico, pode-se dizer que nas sociedades ocidentais houve a construção de uma progressiva e lenta autonomização do sujeito em relação ao coletivo. Evidentemente, esta autonomização é paralela ao fim de antigos modelos de instituição, transcendência e organização coletiva, o que contribui para acirrar esta espécie de nudez atual dos indivíduos face a seus corpos. Por isso, de uma certa maneira, estamos hoje, mais do que no passado, confrontados com nossos corpos. E, em um futuro próximo, eu não vejo como seja possível sair dessa situação.

Talvez, por isso mesmo, o corpo tenha se transformado em um tema extremamente importante na mídia e entre pesquisadores de diferentes áreas do saber. Temos uma proliferação crescente de imagens ressaltando a importância das aparências e do corpo jovem. Como se ele tivesse entrado na moda!

G. V. – Em um certo sentido você tem razão, parece que ele entrou na moda. Mas esta tendência não anula o fato de que em outras épocas e sociedades as preocupações com o corpo também fossem importantes. A preocupação diante da doença, por exemplo, é uma evidência de todos os tempos. O que está se produzindo hoje, precisamente em situações nas quais o indivíduo está mais nu do que antes diante de seu corpo, é um recorte entre ele e o psíquico, a partir do qual fica a impressão, mesmo que obscura, de que o corpo é o psíquico, ou, ainda, de que ele é, de fato, o “eu” de cada um. Nossa carne tende a ser concebida hoje como sendo a nossa consciência e vice-versa. Esta tendência é bem mais forte em nossos dias do que no passado. Ela se deve a inúmeros fatores históricos. Lembro-me, por exemplo, que, até bem recentemente, uma criança não costumava escolher uma roupa e se vestir segundo seus próprios desejos, suas próprias iniciativas.

Como se hoje nós esperássemos mais do corpo do que no passado e, por conseguinte, também investíssemos mais em sua aparência, em sua saúde e em seu bem-estar.

G. V. – Sim, investe-se muito no corpo porque ele passou a ser considerado aquilo que nos é mais imediato, próximo e característico de nossa pessoa.

Mas o senhor mostra que ao longo da história há um lento aprofundamento do sentimento de ser sujeito do próprio corpo. O que indica que considerar “nosso corpo” a imagem mais exata de nossa subjetividade é resultado de um complexo processo histórico.

G. V. – Certamente, e, ao longo dessa história, creio que o corpo vem sendo cada vez mais identificado ao sujeito porque este vem sendo cada vez mais autonomizado. Pode-se perceber esta tendência quando observamos algumas técnicas da psicoterapia. O clássico da psicoterapia freudiana é o psíquico. Claro, ela nos leva a interrogar sobre nosso próprio corpo. Freud é consciente de que o fantasma pode nascer de pulsões em que as características físicas são incontornáveis. Mas algumas técnicas psicoterapêuticas aconselham cada indivíduo, cada vez mais, a tomar consciência de si mesmo, de suas sensações corporais, de suas satisfações e de sua intimidade física, especialmente naquilo que ela não funciona. E, em seguida, aconselham o indivíduo a resolver seus problemas a partir desta tomada de consciência do corpo, por meio de práticas de relaxamento, de combate ao estresse, etc. Saindo da psicoterapia, há terapeutas que aconselham buscar a origem das doenças no interior desta consciência corporal de cada um. Há doentes de câncer, por exemplo, que são aconselhados a buscar terapias nas quais eles são

levados a imaginar as próprias células doentes e a transformá-las em imagens legíveis. Há inúmeros textos sobre a Aids que aconselham tais abordagens. Independente destas terapias funcionarem ou não, interessa saber que o fato de propô-las é extremamente revelador sobre como concebemos o corpo: hoje este corpo parece muito mais encarado, no sentido literal deste termo, do que no século passado.

Há uma espécie de transformação do corpo em imagem cognoscível (incluindo o seu interior) e em sujeito consciente, responsável e sensível. Mas a liberdade que se adquire para escolher terapias, construir e reconstruir o próprio corpo, tomar consciência de suas fragilidades e de suas potencialidades não garante, de modo algum, o seu total desvelamento ou controle!

G. V. – Não garante de modo algum este controle, sobretudo porque as descobertas sobre o corpo são acompanhadas por novas dúvidas a seu respeito.

Paradoxalmente, este processo de descoberta incessante do corpo, de investimento massivo sobre a sua conscientização, leva a uma espécie de cansaço, de banalização de suas imagens, e, ainda, de inflação dos investimentos sobre o corpo individual, pessoal.

G. V. – E é justamente por isso que sou sensível ao livro de Ehrenberg⁴ sobre o “cansaço de ser eu mesmo”. Cansaço de ser confrontado com seu próprio corpo, o qual não cessa de ser questionado é constantemente chamado a se expressar.

Cansaço que, como disse Ehrenberg, alimenta a produção de indivíduos compulsivos e deprimidos. Fica a impressão de que o corpo se tornou crescentemente mais profundo e espesso ou então que a profundidade da consciência se fez corpo.

G. V. – Sim, o que implica dizer que, atualmente, há a tendência em se tornar cada vez mais alerta aos sinais emitidos pelo próprio corpo, cada vez mais sensível em perceber o seu funcionamento e a sua transformação em imagens. Por conseguinte, nos tornamos responsáveis por tudo, tendência esta que pode resultar em um mal-estar que é aquele do cansaço de ser eu mesmo.

Um cansaço típico de um cotidiano em que se vive com os nervos à flor da pele; somos cotidianamente confrontados com o medo da violência – e as imagens televisivas,

4 Alain Ehrenberg. *La fatigue d'être soi. Dépression et société*. Paris, Odile Jacob, 1998.

por exemplo, são abundantes a este respeito – mas também somos diariamente colocados diante da banalização da valorização do risco, seja no esporte, seja no mercado financeiro ou nos ambientes de trabalho. De onde se imagina um crescimento vertiginoso das necessidades de segurança e proteção, em especial da saúde e da integridade do corpo. Conclui-se que a proliferação de imagens da violência ao corpo corresponde completamente àquela das imagens dos sistemas que prometem segurança.

G. V. – A idéia que acompanha este cotidiano é a de uma fragilização do corpo na medida em que hoje, mais do que no passado, pensamos a realidade em termos de risco. Como se estivéssemos permanentemente perguntando quais são os riscos do tabaco ou da cafeína, quais perigos existem na prática deste ou daquele esporte, no fato de comer carne, etc. A maneira de pensar a doença ganhou maior complexidade. Pensa-se menos a doença como algo localizado e muito mais como algo que ganha corpos, devorando-os, tal como o amianto faz.

O que é sem dúvida uma violência!

G. V. – A violência é um problema terrivelmente complexo. Ao longo da história, por exemplo, vemos a emergência de sensibilidades a violências que até então não eram consideradas como tais. O assédio sexual não era considerado uma violência tal como hoje ele é. Na medida em que nosso terreno de alerta se modificou, os sentidos da violência também foram modificados.

O que permite dizer que a sensibilidade em relação ao corpo (ao que é ou não é violento) nem sempre se manteve a mesma.

G. V. – Sim, e por não se manter a mesma, emergem como violência aquelas práticas que não eram de modo algum consideradas violentas. A tendência atual de tornar a violência sexual, por exemplo, a característica mesma da violência, revela o quanto o peso do psíquico passou a contar nas narrativas sobre este assunto. Mas a questão mais difícil, que ainda permanece e que trata do passado e do futuro, é a seguinte: será que nossas sociedades não fabricam a violência verdadeira, ou seja, a violência tal como ela sempre foi concebida? Eu começo a pensar que sim. Na França, por exemplo, a escola se torna um destino dirigido a todos. Felizmente, há uma democratização do ensino escolar (na época em que eu era criança, ela não era de modo algum comum entre as famílias da pequena burguesia!). Não sou contra, evidentemente, esta democratização, mas é bastante claro para nós que nesta escola homogênea, na qual, freqüentemente, os professores não são suficientemente preparados para receber

um público que também não está preparado para ser escolarizado, tem-se a violência. Há situações em que este saber transmitido pela escola não apresenta nenhum valor, a não ser um valor ostensivo, usado como um ingresso para ter uma profissão. Acredito ser este um fator de violência e ele traz como consequência uma grande insegurança por parte daquele público. Há casos caricaturais a este respeito, como aquele dos guetos negros norte-americanos.

Caricaturas que revelam o quanto a democratização de certas práticas e saberes não está isenta da criação de violências e, ao mesmo tempo, do aumento de nossa sensibilidade em relação às atitudes violentas. O que me leva a diversos trabalhos seus sobre o quanto o poder democrático provoca violências, por vezes sutis. Já em seu primeiro livro acerca do longo processo de verticalização e educação dos corpos, aparecem inúmeras técnicas de liberação das posturas que criam, igualmente, novas formas de violência.⁵ Mais tarde, em seus trabalhos sobre a higiene e a saúde, a violência aparece muitas vezes nos detalhes, no uso de produtos anódinos, nas modas efêmeras de vestimentas hoje esquecidas; e, enfim, no livro sobre o estupro, a violência aparece como preocupação fundamental da pesquisa e está fortemente presente nas imagens. Ou seja, a violência se revela um problema capital em suas pesquisas.

G. V. – Eu creio que sempre fui muito sensível a este tema, talvez porque eu nunca tenha tido um físico grandalhão, talvez porque eu sempre me preocupei com o fato de que qualquer um pode, em qualquer momento, ser ameaçado fisicamente... não sei bem a razão... Veja só, estou pensando nisso agora, e o fato de ser questionado sobre a violência me faz tomar consciência sobre minha relação com este tema, me conduz, de fato, à consciência de mim mesmo, conforme havíamos conversado.

Consciência que é constituída por uma sensibilidade ligada aos valores de nosso tempo. Mas se retomarmos o seu trabalho sobre o estupro, percebemos o quanto a violência sexual feita às mulheres e às crianças se tornou, especialmente no século XX, um crime gravíssimo. Acontecimento este completamente ligado à transformação de

5 *Le corps redressé. Histoire d'un pouvoir pédagogique.* Paris, Jean-Pierre Délarge, 1978. Este livro de Vigarello resulta de seu doutorado. Ele foi elogiado por Michel Foucault, servindo a este como exemplo em seu texto "La poussière et le nuage". In: *L'impossible prison. Recherches sur le système pénitentiaire; au XIXe siècle réunies par Michelle Perrot.* Paris, Seuil, 1980, pp. 29-39.

mulheres e crianças em sujeitos de seus corpos. Gostaria que o senhor comentasse um pouco as diferenças entre mulheres e crianças em relação a este tipo de violência.

G. V. – O estupro de crianças implica especificidades e é preciso considerar uma série de diferenças. Por exemplo, na história dos processos sobre mulheres, teve um grande peso a sua contestação pública, a sua mobilização para adquirir direitos, dentro e fora deste contexto das violências corporais. Contudo, mesmo que sejam pontuadas as diferenças entre mulheres e crianças, há também similitudes e há principalmente o fato de que ambos foram tomados como personagens principais do processo de conscientização da população em geral sobre os perigos psicológicos do estupro.

Na França, a tomada de consciência destes perigos psíquicos ocorre somente no final do século XIX?

G. V. – Sim, no final do século XIX encontramos a afirmação de um interesse circunscrito pelo problema psicológico. Antes disso há evidentemente uma tomada de consciência psíquica, mas ela não é de fato explícita nem enunciada desse modo. Mais tarde, contudo, os juristas vão começar a dizer: quando se trata de um sujeito menor de onze anos, os atentados ao pudor são violentos. E eles são violentos mesmo se os gestos não aparentam violência.

Seus estudos tratam da historicidade de diferentes ideais corporais, que vão da referência mecânica à informática, passando pela referência termodinâmica e suas complexidades. Hoje, com a proliferação das críticas às novas tecnologias, o senhor acredita que estaríamos em vias de sair do modelo informacional ou estaríamos atualizando alguns de seus aspectos?

G. V. – Não tenho o sentimento de estarmos em vias de sair do campo informacional. Há, sem dúvida, uma enorme dificuldade de se projetar, de saber para onde caminhamos. Penso que em nosso futuro há dimensões completamente diferentes de tudo o que hoje imaginamos. Esta era a situação daqueles que viviam sob o modelo energético: para eles era difícil imaginar o paradigma informático. Vou lhe dar um exemplo maravilhoso a este respeito: um escritor chamado Souvestre escreveu um livro, em 1845, intitulado *Le monde tel qu'il sera*. Tratava-se, portanto, de um livro futurista. Não era exatamente uma ficção como aquelas que conhecemos hoje. Souvestre tenta simplesmente descrever como funcionará o mundo do futuro. E é muito interessante observar que ele é incapaz de sair do modelo energético. Ao descrever as habitações, por exemplo, ele imagina uma imensa máquina a vapor que, do subsolo, faz tudo fun-

cionar: mesmo os pratos de comida ele os imagina sendo trazidos para os moradores graças a braços mecânicos ligados à máquina a vapor. E sabe como seria o jornal impresso? O jornal chegaria à moradia de cada um por uma calçada rolante, mantida igualmente por uma máquina a vapor. Em suma, ele não consegue sair do modelo energético. E nós também não conseguimos sair do modelo informático e imaginar o futuro a partir de outras referências diferentes daquelas que temos hoje.

Neste aspecto, diversos filmes americanos de ficção científica mostram exatamente o quanto as referências da termodinâmica e da informática estruturam o imaginário sobre o futuro.

G. V. – Sim, por vezes há a impressão de que se está fora dessas referências. Mas é difícil sair delas, especialmente da referência informacional. Lembro-me, por exemplo, de um artigo mostrando os resultados de uma pesquisa científica sobre as possibilidades já existentes de decodificar algumas ordens emitidas por um indivíduo: graças ao uso de uma espécie de transístor capaz de potencializar esta emissão, a pesquisa mostra que é possível codificar a ordem de um indivíduo quando este decide, por exemplo, utilizar um computador para escrever. Em seguida, a força desta emissão é multiplicada para ser transmitida de fato ao computador. Portanto, começa-se hoje a dar uma ordem que escreve, sem precisar se mover para tanto. A partir daí, pode-se imaginar indivíduos se comunicando sem precisar escrever nem falar. E ainda, pode-se supor a possibilidade, apontada pelo artigo, de incrustar sistemas de comunicação e de influência dentro da mente humana.

Em casos desse tipo, no lugar de se tornar cada vez mais evidente e visível, a tecnologia tende a “fazer corpo com o corpo”, como se ela fosse cada vez menos perceptível e mais orgânica. As distâncias entre objetos técnicos e o corpo humano tendem a diminuir?

G. V. – Certamente. Estamos caminhando, também, para a incorporação de tecnologias que nos informam cada vez mais sobre o corpo, desde aquelas que medem a pressão arterial, até aquelas que decodificam genes. Mas, de todo modo, examinando profundamente estas tecnologias percebemos o quanto ainda estamos sob a referência informacional! As imagens de *chips* e as diferentes formas de fabricar o orgânico, pertencem, ainda, ao universo da informação.